

Duplicado

NA MÃO DE DEUSP. FRANCISCO RODRIGUES TORRES

Salesiano 2 1

Sete de Dezembro. 8.30h da manhã. Nos pátios da Escola fervilhavam já os seus 700 alunos com uma alegria mais ruidosa que o habitual. Era a festa Imaculada na Escola. Faltava um quarto de hora ^{para} o início da Eucaristia, quando a notícia se espalhou, impiedosa, sobre a alegria da rapaziada em festa: "morreu o senhor P. Torres". A consternação generalizou-se num ápice e via-se estampada no rosto de todos. A irmã morte acabava de visitar a nossa casa e de levar um Irmão nosso para a Casa do Pai. Assim, o Senhor levava para o seu Reino o "servo bom e fiel" que um dia deixara pai, mãe, irmãos, casa, projectos, tudo, para seguir generosamente o chamamento do Mestre. Foi uma morte santa, foi a morte do justo, "preciosa aos olhos de Deus". O P. Torres, que na última semana definhara a olhos vistos e que já quase só se levantava com a ajuda de alguém, naquele dia - com grande espanto do Dr. Macedo que estava presente - levantou-se e deu uns passos sozinho, apoiado ao triciclo que habitualmente utilizava. Terminada a pequena volta, sentou-se de novo na cama e, sem dizer palavra, sem um gemido, sem uma lágrima, caiu para o lado, inanimado, vítima de insuficiência cardíaca ^{provocada} por insuficiência bronco-pulmonar de origem cancerosa.

O ano passado, por volta do Natal, apareceram os primeiros sinais da doença que viria a vitimá-lo. Consultas a vários médicos, análises, remédios, as diligências habituais nestas circunstâncias. Até que, finalmente, no dia 17 de Maio, o P. Torres dá entrada no Hospital Distrital do Funhal para ser operado. Aí é submetido a duas intervenções cirúrgicas: na primeira, em Maio, operado aos intestinos e à vesícula; na segunda, em Junho, operado ao estômago. Ambas as intervenções decorreram bem, mas, tanto na primeira como na segunda vez, cerca de oito dias após a operação, surgiram hemorragias que intrigaram os médicos e que estes não conseguiam controlar. Já tudo parecia perdido, quando, inexplicavelmente, as hemorragias cessaram. Seguiu-se uma recuperação que, apesar de lenta e difícil, permitiu ao P. Torres receber alta no dia 22 de Julho. Os meses de Agosto e Setembro foram de razoável recuperação, mas, no dia 1 de Outubro, o P. Torres é de novo internado, desta vez na secção de cardiologia. Submetido a novo tratamento, viria a permanecer no hospital até ao dia 12 de Novembro, data em que de novo recebeu alta. Infelizmente, porém, e apesar do desvelo constante dos médicos, não foi possível suster a marcha inexorável da doença.

O P.Torres levou a cruz ao calvário de modo admirável. Em Maio, aquando da festa do doente na nossa Paróquia, recebeu a Santa Unção de forma edificante como qualquer fiel anónimo. Nessa altura fez este comentário: "Não tenho ilusões; tenho de estar preparado para o que der e vier". Foi sempre uma alma serena perante a ideia da morte. Tal serenidade acompanhpu-o até ao último suspiro.

Os três anos que passái com o P.Torres - um em Évora e dois aqui no Funchal - permitiram-me conhecer bem este Irmão simples, humilde e fervoroso. O seu desejo de renovação, de diálogo e de participação eram constantes. Profundamente sensível e delicado, revelava um extremo cuidado nas coisas de Deus, a ponto de conservar escritas na íntegra todas as suas homilias dos últimos quatro anos. No hospital, anotava dia por dia o nome das pessoas que o visitavam, dos enfermeiros que o tratavam e das pessoas que lhe escreviam, a quem tinha a delicadeza de responder logo que podia, como se verifica pelo rascunho e pelas anotações que deixou. Em tantos meses de doença, nunca ouvi o P.Torres queixar-se dos seus males ou dos seus sofrimentos.

Sacerdote zeloso e sempre disponível para atender quem quer que o solicitasse, era igualmente religioso observante, desprendido dos bens materiais, piedoso e fervoroso devoto de Maria Santíssima, cuja grande festa da sua Conceição Imaculada foi celebrar no Céu.

A missa de corpo presente teve lugar às três horas da tarde do dia 8, na igreja da Escola Salesiana, presidida pelo senhor bispo do Funchal, D.Teodoro de Faria, e concelebrada por um bom grupo de sacerdotes. Reuniu grande número de pessoas que enchiam por completo a vasta igreja da Escola: representantes de várias comunidades religiosas masculinas e femininas, cooperadores salesianos, alunos, antigos alunos, paroquianos e pessoas amigas. Foi um coro impressionante de fé, de esperança e de fervor a cantar os louvores de Deus pelas maravilhas que a sua mão operou em Maria Imaculada e no seu fiel servo P.Francisco Torres. Não menor manifestação de fé e de esperança na Ressurreição foi o cortejo fúbre e o funeral que teve lugar no cemitério das Angústias, em S.Martinho, Funchal.

Temos mais um amigo e um protector junto de Deus. A generosidade do P.Torres na sua entrega a Cristo e aos irmãos constituem para todos nós um exemplo inolvidável, também para os jovens desta Escola que, interpelados pela eloquência desta entrega ^{sem reservas} ~~total~~, não deixarão de se pôr com maior seriedade o problema vocacional. O desafio lançado aos jovens aqui fica: quem de vós quer vir substituir o P.Torres? Não faltarão respostas generosas, estou certo.

- 3 -

Não quero terminar estas linhas sem deixar aqui uma palavra de profunda gratidão ao P. Luciano e ao P. Herculano que foram incansáveis na ajuda ao P. Torres nos meses de Agosto e Setembro. A mesma palavra de gratidão e de profundo apreço ao nosso médico caríssimo, o salesiano dr. Macedo, que foi duma dedicação sem limites durante toda a doença do P. Torres.

Funchal, 19.12.83

P. Basilio V. Gonçalves

Dados biográficos:

P. Francisco ~~Torres~~ Rodrigues Torres.

Filho de Salvador da Silva Torres e de Constantina de Jesus Rodrigues.

Nascido no Vilar, Cadaval, a 3 de Fev. de 1915.

Professou no dia 24.9.1938.

Ordenado sacerdote no dia 29 de Janeiro de 1950, em Mogofores.

